



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

UMA ANÁLISE DA COMPOSICIONALIDADE E
IDIOMATICIDADE NA PASSAGEM DO LATIM PARA O
PORTUGUÊS À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

JONATHAN CUNHA DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro

2022

JONATHAN CUNHA DE OLIVEIRA

UMA ANÁLISE DA COMPOSICIONALIDADE E
IDIOMATICIDADE NA PASSAGEM DO LATIM PARA O
PORTUGUÊS À LUZ DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Letras na habilitação
Português/Latim.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

048a Oliveira, Jonathan Cunha de
Uma análise da Composicionalidade e
Idiomaticidade na passagem do Latim para o
Português à luz da Morfologia Distribuída / Jonathan
Cunha de Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2022.
44 f.

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2022.

1. Morfologia Distribuída. 2. Composicionalidade.
3. Idiomaticidade . I. Pederneira, Isabella Lopes,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Como todo e qualquer jogador de futebol, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus. Sou grato por nunca ter me desamparado ao longo da minha graduação e por ter sempre me dado forças para seguir em frente.

Agradeço, também, à minha família: meus pais, Francisco e Cíntia; meu irmão e melhor amigo, Christian; meus avós maternos, Francisco e Maria das Graças, que infelizmente não estão mais aqui, mas tenho certeza de que estão orgulhosos do seu neto formando; meus avós paternos, Manuel e Ana; meu padrinho, Carlos Alberto, o Beto; minha madrinha, Paloma; e meus primos, Luiz Guilherme e Heitor. Tenho uma visão muito restrita sobre quem eu considero ser da minha família, por isso faço questão de nomear cada um de vocês e escrever que eu amo vocês.

Em especial, agradeço aos meus pais, Francisco e Cíntia. Sei o quão privilegiado sou por ter vocês como pais e agradeço por todo o esforço que fizeram e fazem até hoje para dar o melhor para mim e para meu irmão. Muito obrigado por tudo.

Agradeço, por fim, à minha orientadora, a Prof^ª. Dr^ª. Isabella Lopes Pederneira, que gentilmente aceitou me orientar neste trabalho. Obrigado pela sua ajuda e paciência.

Paulatim deambulando, longum conficitur ite

RESUMO

Este trabalho é um estudo comparativo da composicionalidade e idiomaticidade dos verbos denominais latinos e dos verbos no português brasileiro (PB) que se originaram a partir dos verbos latinos analisados. A fundamentação teórica desta pesquisa é o modelo da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997 e 2001), desenvolvida a partir da teoria da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1970). Basicamente, a Morfologia Distribuída postula três etapas para gerar um vocábulo e pressupõe a sintaxe como tendo um papel ativo na formação e criação de palavras, fornecendo ferramentas mais precisas para a análise da formação interna de vocábulos e, por consequência, da composicionalidade e idiomaticidade dos verbos analisados nesta monografia. Através desse estudo comparativo, o objetivo dessa pesquisa é o de investigar se durante a passagem do latim para o português os verbos mantiveram e conservaram a composicionalidade ou idiomaticidade que possuíam no latim. Assim, será possível confirmar algumas predições teóricas e fornecer ferramentas para a compreensão da formação de palavras complexas no PB.

Palavras-chave: Morfologia Distribuída; Composicionalidade; Idiomaticidade.

ABSTRACT

This work is a comparative study of the compositionality and idiomaticity of Latin denominal verbs and verbs in Brazilian Portuguese (BP) that originated from the analyzed Latin verbs. The theoretical approach of this research is the model of Distributed Morphology (MARANTZ, 1997 and 2001), developed from the theory of Generative Grammar (CHOMSKY, 1970). Basically, Distributed Morphology postulates three steps to generate a word and assumes syntax as having an active role in the formation and creation of words, providing more accurate tools for the analysis of the internal formation of words and, consequently, the compositionality and idiomaticity of verbs analyzed in this monograph. Through this comparative study, the objective of this research is to investigate whether, during the transition from Latin to Portuguese, verbs maintained and conserved the compositionality or idiomaticity they had in Latin. Thus, it will be possible to confirm some theoretical predictions and provide tools for understanding the formation of complex words in BP.

Keywords: Distributed Morphology; Compositionality; Idiomaticity.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1: Fundamentação Teórica	11
1.1. A Gramática Gerativa e a Morfologia Distribuída.....	11
Capítulo 2: Composicionalidade e Idiomaticidade na formação de palavras	14
Capítulo 3: Metodologia	16
3.1. O que são Verbos Denominais?.....	16
3.2. A seleção do <i>corpus</i>	18
3.3. O <i>corpus</i>	18
Capítulo 4: Uma análise de Verbos Denominais na passagem do Latim para o Português	20
4.1. Análise do <i>corpus</i>	20
4.2. Proposta de uma nova organização dos verbos.....	39
4.2.1. Verbos que mantiveram a composicionalidade.....	40
4.2.2. Verbos que perderam a composicionalidade, mas mantiveram o significado...40	
4.2.3. Verbos que perderam a composicionalidade e sofreram mudanças no significado.....	41
Considerações finais	42
Referências	43

Introdução

Por se tratar de uma língua que faz parte do grupo das línguas românicas, a língua portuguesa conta com a maior parte do seu léxico tendo origem no latim. No entanto, ao analisar o léxico que se originou no latim, percebe-se que muitas palavras sofreram profundas modificações, enquanto outras conservaram as mesmas características morfofonológicas que havia no latim.

Neste sentido, este trabalho será um estudo comparativo da composicionalidade ou idiomatidade dos verbos denominais latinos e dos verbos no português brasileiro (PB) que se originaram a partir dos verbos latinos analisados. Este estudo tem como intuito a investigação da formação interna desses verbos complexos, a fim de definir se esses verbos possuem uma interpretação semântica composicional ou idiomática, e se durante a passagem do latim para o português houve a manutenção dessas mesmas formações e leituras semânticas.

Em relação à metodologia adotada, foram selecionados quinze verbos denominais latinos e seus cognatos no português brasileiro. Este recorte foi adotado para tornar mais visível a análise comparativa do ponto de vista da composicionalidade e idiomatidade dos verbos, assim como da complexidade de sua formação interna.

A fundamentação teórica desta monografia é o modelo da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997 e 2001), desenvolvida a partir da teoria da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1970). Basicamente, a Morfologia Distribuída postula três etapas para gerar um vocábulo e pressupõe a sintaxe tendo um papel ativo na formação e criação de palavras, fornecendo ferramentas mais precisas para a análise da formação interna de vocábulos e, por consequência, da composicionalidade ou idiomatidade de verbos como os que serão estudados nesta monografia.

Neste ponto, a hipótese levantada é de que através da análise do corpus seja possível distribuir os verbos selecionados do português brasileiro em três grupos: a) verbos que mantiveram a composicionalidade; b) verbos que não mantiveram a composicionalidade, mas conservaram o significado; c) verbos que perderam a composicionalidade e sofreram mudanças no significado.

Desta forma, o presente trabalho estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, será realizada uma explicação da fundamentação teórica assumida neste estudo, no caso a Morfologia Distribuída; no segundo capítulo, será abordado o que se entende por Composicionalidade e Idiomatidade, conceitos e termos que serão a base da análise

investigativa desta monografia; no terceiro capítulo, a metodologia do trabalho será apresentada, fornecendo uma explicação sobre o corpus e sobre como ocorreu a seleção dele. Além disso, pretende-se apresentar uma breve explicação sobre a proposta de análise assumida. Por fim, o último capítulo será dedicado à análise e ao estudo comparativo dos verbos denominais latinos e dos verbos no português brasileiro. Ademais, ao final do capítulo, será apresentada uma nova distribuição do corpus a partir da hipótese já levantada e do que pode ser observado na análise dos verbos do português brasileiro (PB).

Capítulo 1: Fundamentação Teórica

Com o intuito de auxiliar e embasar a análise da composição interna das palavras e, portanto, da composicionalidade ou da idiomaticidade dos verbos, este trabalho terá como fundamentação teórica o modelo da Morfologia Distribuída, desenvolvida a partir dos pressupostos da Teoria Gerativa. Neste sentido, o seguinte capítulo terá como objetivo apresentar o modelo da MD, explicar sua origem e o porquê da sua escolha como embasamento teórico.

1.1. A Gramática Gerativa e a Morfologia Distribuída

De certa forma, quando se pensa em Gramática Gerativa, muito se considera o processo de aquisição de linguagem. De fato, um dos pressupostos mais conhecidos dos estudos gerativistas é o do inatismo, que postula que toda criança nasce com uma predisposição biológica para desenvolver uma língua natural. Deste modo, a criança é exposta a dados linguísticos e, em sua mente, a gramática universal passará por mudanças e, através da parametrização dos dados primários aos quais a criança é exposta, emergirá a gramática particular de uma língua natural.

No entanto, os estudos no escopo do gerativismo não se resumem apenas ao processo de aquisição de linguagem. Neste sentido, ao longo dos anos, esta teoria também pautou questões acerca de como analisar as palavras que vão compor os sintagmas e as sentenças gramaticais de uma língua natural, buscando compreender como ocorre este processo.

Desta forma, uma das primeiras abordagens desenvolvidas para a discussão deste fenômeno foi o Lexicalismo (CHOMSKY, 1970). De modo geral, a abordagem lexicalista entende o léxico e a sintaxe como elementos distintos da gramática, conferindo consequências importantes para a arquitetura do modelo de gramática adotado. Com isso, para esta abordagem, uma palavra é responsável por formar uma nova palavra, e esta nova palavra já surge com propriedades gramaticais bem definidas, como informações fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas. Por fim, a sintaxe seria responsável apenas por gerar sintagmas e sentenças através da manipulação de palavras, mas não influenciaria na criação dela mesma.

Porém, com os modelos construcionistas de Gramática Gerativa, surge um novo ponto de vista para a análise da formação de palavras: a Morfologia Distribuída (MD). Apresentando uma espécie de contraponto à teoria lexicalista, a MD entende que a sintaxe

tem uma participação ativa no processo de formar palavras. Além disso, esta abordagem postula três etapas para gerar um vocábulo.

Com isso, no escopo da Morfologia Distribuída, essas etapas são chamadas de listas e podem ser distribuídas e organizadas a partir do seguinte modelo proposto por Marantz (1997) e Siddiqi (2009:14):

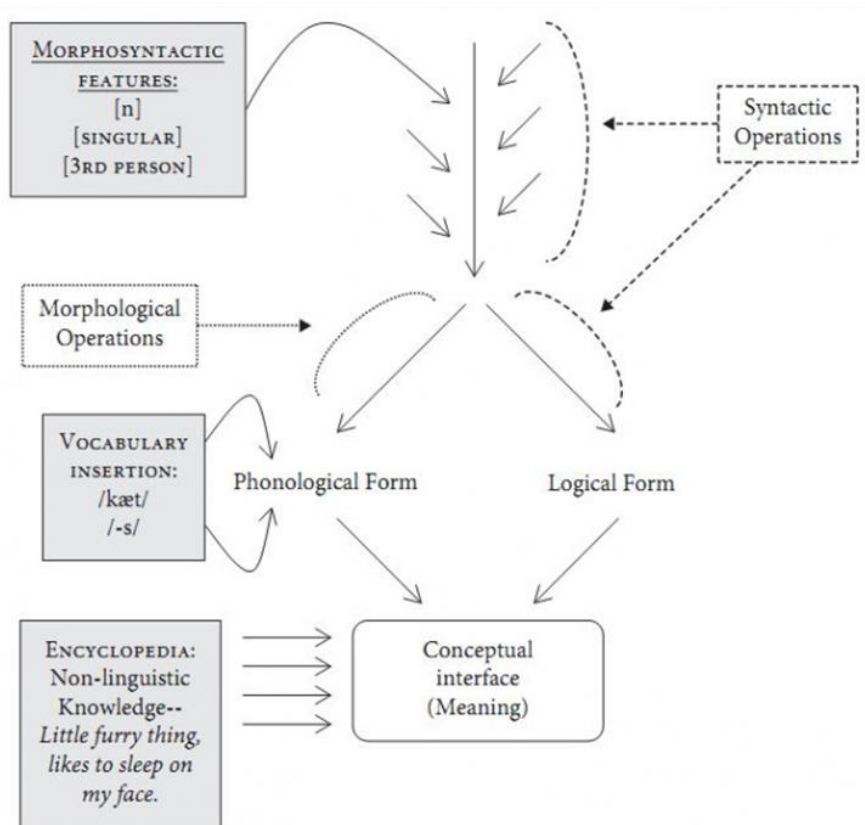


Figura 1

Através desta arquitetura do modelo da MD, pode-se observar que a Lista 1 (Morphosyntactic features na Fig. 1) conta com traços morfosintáticos abstratos e fornece também raízes que serão utilizadas na formação de palavras, uma lista universal, tendo em vista que as raízes e morfemas funcionais ainda não possuem matrizes fonológicas. Na Lista 2 (Vocabulary na Fig. 1), por sua vez, são inseridos os itens de vocabulário e promovem a inserção de material fonológico a esses traços morfosintáticos, uma lista paramétrica. Por fim, na Lista 3, (Encyclopedia na Fig. 1), são armazenados os conhecimentos enciclopédicos no que diz respeito ao significado de uma palavra - significados arbitrários e/ou idiomáticos, tendo em vista que os significados composicionais são provenientes da Forma Lógica (Logical Form, na Fig.1).

Vale destacar, ainda, que a Morfologia Distribuída conta com três importantes propriedades que ajudam a entender seu modelo. A primeira diz respeito à Inserção Tardia e postula que as informações fonológicas são inseridas após a construção do esqueleto sintático que ocorre na Lista 1. A segunda propriedade é a Subespecificação de Item de Vocabulário, através da qual, entende-se que um item de vocabulário não precisa ter todas as informações sintáticas para ser inserido em um nó do esqueleto sintático gerado. Por fim, a última propriedade básica deste modelo é a Estrutura Sintática Hierárquica ‘all the way down’, que postula que a ordem em que os itens de vocabulários são inseridos nesse esqueleto sintático ocorre de acordo com a hierarquia das operações e princípios sintáticos. Além disso, compreende-se que a sintaxe é responsável não apenas por gerar sentenças e sintagmas, mas também por criar palavras.

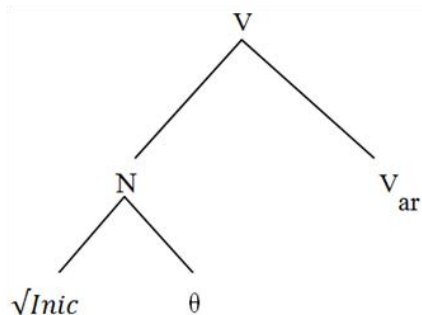
Neste trabalho, portanto, a fundamentação teórica utilizada será justamente a da Morfologia Distribuída, desenvolvida a partir dos pressupostos da Gramática Gerativa. Este modelo foi escolhido por ser o que melhor fornece um embasamento teórico e ferramentas para uma análise interna da composicionalidade ou idiomaticidade de verbos denominais latinos e de verbos no português do Brasil (PB), etimologicamente criados a partir dos cognatos latinos. A razão disso é a possibilidade de manipulação da estrutura interna das palavras.

Capítulo 2: Composicionalidade e Idiomaticidade na formação de palavras

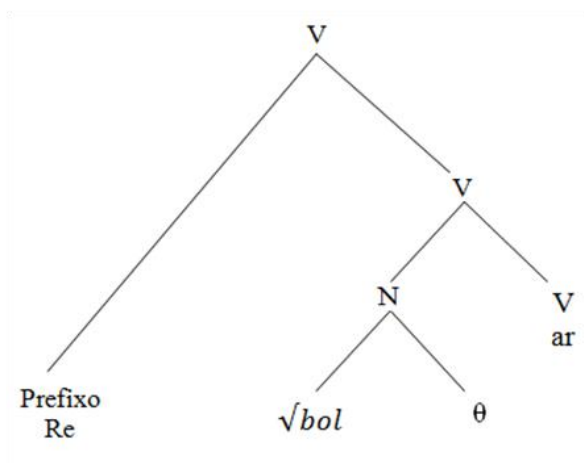
Antes de começar a de fato realizar uma análise dos verbos denominais latinos e de seus cognatos no português brasileiro, é importante compreender o que se entende por composicionalidade e idiomaticidade, conceitos que serão a base da análise deste trabalho. Neste ponto, entende-se um verbo com uma leitura composicional quando em seu significado está contido o significado dos elementos que compõem este verbo estruturalmente. Já um verbo com formação idiomática consiste em um verbo cujo significado é irregular, não tendo relação com o significado dos elementos que o compõem.

Neste sentido, observemos como exemplos dois verbos no português: *iniciar* e *rebolar*. Para saber se esses verbos possuem uma leitura composicional ou idiomática, será preciso olhar para a composição interna desses verbos. Com isso, as seguintes árvores podem ser geradas:

a) iniciar:



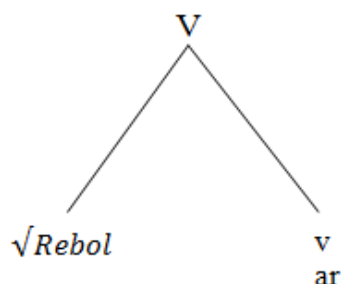
b) rebolar:



Na árvore sintática (a), é possível observar que na formação interna do verbo *iniciar* consta o nome *início*. Ao observar o significado, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), o verbo *iniciar* significa ‘dar início a’. Com isso, destaca-se que na construção do significado de *iniciar* está contido o nome início. Este verbo, portanto, apresenta uma formação composicional, já que seu significado é construído a partir do significado de um elemento que está em sua formação interna.

Por outro lado, temos o verbo *rebolar* em (b). Através de sua árvore sintática, observa-se que, na raiz deste verbo, está presente o nome *bola*. No entanto, quando olhamos para o significado do verbo *rebolar*, temos ‘mexer (-se) de um lado para outro’ e ‘balançar (-se)’ como significados mais recorrentes.

Neste ponto, pode-se destacar que estes significados não possuem qualquer tipo de relação com o nome *bola*, raiz do verbo *rebolar*. Com isso, pode-se dizer que o verbo *rebolar* apresenta uma formação idiomática, já que o seu significado é arbitrário, não tendo uma relação com o significado de sua base nominal (*bola*) e verbal (*bolar*). Sendo assim, podemos conjecturar a reanálise estrutural deste verbo, resultando na seguinte estrutura arbórea cuja leitura é idiomática, desconsiderando as fases do nome e verbo supracitados:



Deste modo, a partir dos exemplos apresentados e da breve análise realizada, acredito que tenho se esclarecido sobre o que se entende por verbos com uma leitura composicional ou idiomática. Além disso, é interessante destacar como ainda através desta análise, justifica-se a escolha do modelo de gramática da Morfologia Distribuída (MD) como fundamentação teórica deste trabalho. Como destacado, a análise desta pesquisa focará na composicionalidade ou idiomática dos verbos em uma comparação do latim com o português e, neste sentido, a MD é o modelo que melhor fornece ferramentas para realizar esta tarefa de análise da composição interna dos verbos.

Capítulo 3: Metodologia

Neste capítulo, no primeiro tópico, será explicado o que se entende por um verbo denominal, termo que foi assumido como central para a seleção dos verbos latinos. Nos próximos tópicos, serão apresentadas as etapas que ocorreram para a escolha do corpus e, por fim, será de fato apresentado o corpus a ser analisado e investigado.

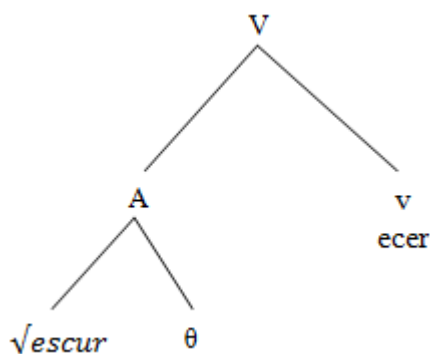
3.1. O que são Verbos Denominais?

Este trabalho partirá de uma análise da composicionalidade e idiomaticidade dos verbos denominais latinos e de seus cognatos no português brasileiro. No entanto, para fins didáticos e de maior entendimento e compreensão do trabalho, vale destacar e explicar sobre o que exatamente se trata um verbo denominal.

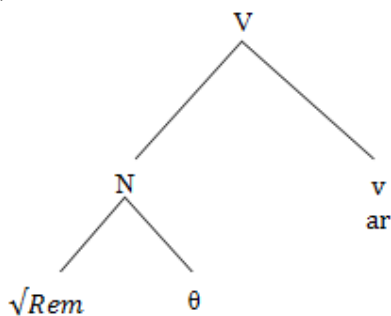
Neste sentido, do ponto de vista etimológico, entende-se por Verbo Denominal (VD) os verbos que são construídos e formados a partir de um nome, seja um substantivo ou um adjetivo. Como forma de exemplificar, observemos os verbos no português: *escurecer* e *remar*.

Os dois casos são verbos denominais e é possível elucidar e entender melhor essa afirmação quando analisada a composição interna desses verbos e gerada as suas árvores sintáticas. Vejamos:

a) *escurecer*:



b) *remar*:

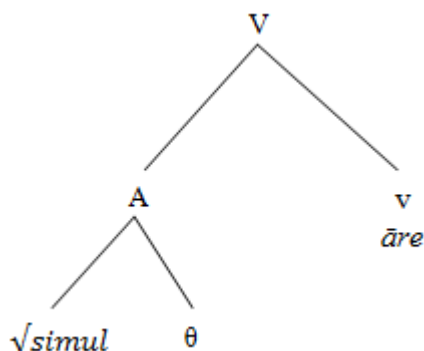


Na árvore do verbo *escurecer*, percebe-se como há uma base nominal na sua composição interna, no caso é o adjetivo *escuro*. Deste modo, como pode ser observado, o verbo *escurecer* foi formado a partir de um adjetivo. Logo, este verbo é considerado um verbo denominal.

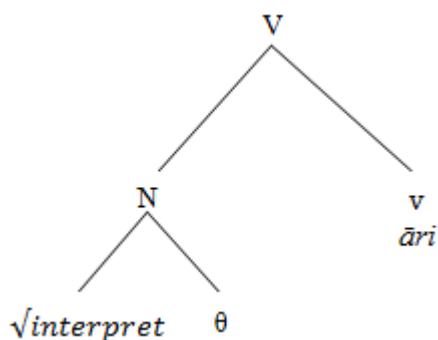
Na árvore sintática (b), nota-se que o verbo *remar* também apresenta uma base nominal na raiz de sua composição interna. No entanto, diferentemente de *escurecer*, o verbo *remar* é formado a partir de um substantivo/nome, no caso *remo*. Este verbo, portanto, também é um verbo denominal.

No latim, este processo de formação de um verbo denominal não é diferente. Para isso, analisemos os verbos denominais latinos *simulāre*, que significa “tornar semelhante”, “simular” (FARIA, 1992) e *interpretāri*, que significa “explicar”, “interpretar” (FARIA, 1992). Mais uma vez, façamos as árvores sintáticas para observar a formação interna dos dois verbos:

a) *simulāre*:



b) *interpretāri*:



O verbo *simulāre* teve uma origem etimológica no adjetivo *similis*, e, que significa “semelhante”, “parecido” (FARIA, 1992). Neste sentido, como pode ser observado em sua árvore sintática, *simulāre* possui uma base nominal na raiz de sua composição interna, o que faz com que ele seja um verbo denominal, justamente por ser formado a partir de um nome.

Na árvore sintática (b), observa-se que o verbo *interpretāri* também apresenta uma base nominal na raiz de sua composição interna. Neste caso, diferentemente de *simulāre*, o verbo é construído a partir do substantivo *interpres, etis*, que significa “intérprete”, “mediador” (FARIA, 1992) . Porém, também entende-se o verbo *interpretāri* como um verbo denominal.

Tanto no latim, quanto no português há a existência de verbos denominais. Basicamente, como se destacou, um verbo denominal diz respeito aos verbos que foram construídos e formados a partir de um nome ou de um adjetivo, ou seja, verbos que possuem em sua formação interna uma base nominal em sua raiz.

3.2. A seleção do *corpus*

Como já destacado, este trabalho consistirá numa análise comparativa de dados do latim e do português. Para isso, foram selecionados quinze verbos denominais latinos e quinze verbos no português do Brasil (PB) que tiveram origem nestes verbos denominais latinos. Para a seleção dos dados, dois passos nortearam a escolha:

a) Primeiro passo: Através do Grande Dicionário Houaiss, disponibilizado e organizado de forma on-line, realizei uma pesquisa por verbos no português à procura de verbos que se originaram a partir de verbos latinos. Este dicionário foi o escolhido por ter uma área com a origem etimológica dos verbetes;

b) Segundo passo: Os verbos latinos também foram analisados a partir de um olhar para sua origem etimológica, buscando entender se esse verbo latino é denominal, ou seja, se é formado a partir de uma base nominal. Para isso, foi utilizado o Dicionário Etimológico da Língua Latina, de Augusto Magne, como instrumento para essa investigação etimológica.

Os dados selecionados foram aqueles que cumpriram os pré-requisitos mencionados acima, ou seja, um verbo no português que teve origem em um verbo denominal latino. Este recorte foi adotado por tornar mais visível a análise comparativa do ponto de vista da composicionalidade e idiomaticidade dos verbos. Neste ponto, o intuito será justamente o de analisar esses dados do latim e do português, investigando se houve uma manutenção desta formação interna durante a passagem do latim para o português.

3.3. O *corpus*

A tabela a seguir apresentará de forma organizada o *corpus* selecionado para a investigação da composicionalidade ou idiomaticidade dos verbos denominais latinos e dos verbos no português:

base (em latim)	verbo em latim	verbo em português
(1) <i>grex, gregis</i>	<i>aggrégō (adgrégō), ās, āre, āvi, atum</i>	Agregar
(2) <i>anima, ae</i>	<i>anīmo, ās, āre, āvi, ātum</i>	Animar
(3) <i>cancellus, -i</i>	<i>cancēllo, ās, āre, āvi, ātum</i>	Cancelar
(4) <i>crux, crucis</i>	<i>crucifigo, is, ere, fixi, fixum</i>	Crucificar
(5) <i>nomen, inis</i>	<i>denomino, ās, āre, āvi, ātum</i>	Denominar
(6) <i>donum, i</i>	<i>dōno, ās, āre, āvi, ātum</i>	Doar
(7) <i>dominus, i</i>	<i>domīnor, āris, āri, ātus sum</i>	Dominar
(8) <i>initium, i</i>	<i>initīo, ās, āre, āvi, ātum</i>	Iniciar
(9) <i>macula, ae</i>	<i>macūlo, ās, āre, āvi, ātum</i>	Macular
(10) <i>modus, i</i>	<i>modēro, ās, āre, āvi, ātum</i>	Moderar
(11) <i>negotium, i</i>	<i>negotīor, āris, āri, ātus sum</i>	Negociar
(12) <i>pignus, oris</i>	<i>pignēro, ās, āre, āvi, ātum</i>	Penhorar
(13) <i>pondus, ěris</i>	<i>pondēro, ās, āre, āvi, ātum</i>	Ponderar
(14) <i>causa, ae</i>	<i>recūso, ās, āre, āvi, ātum</i>	Recusar
(15) <i>terminus, i</i>	<i>termīno, ās, āre, āvi, ātum</i>	Terminar

Capítulo 4: Uma análise de Verbos Denominais na passagem do latim para o português

Neste último capítulo, será apresentada, de fato, a análise comparativa do ponto de vista da composicionalidade ou idiomaticidade dos verbos denominais latinos e do português brasileiro (PB). Para auxiliar nesta análise comparativa, serão geradas as árvores sintáticas de cada um dos quinze verbos selecionados. Isto será feito com o intuito de deixar em evidência a composição interna de cada verbo, o que ajudará a observar a leitura composicional ou idiomática desses verbos.

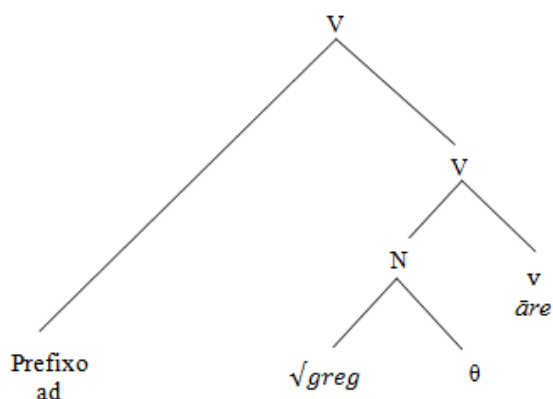
Por fim, a partir da análise realizada, será feita uma proposta de redistribuição do corpus selecionado. Neste sentido, a ideia é dividir os verbos do português brasileiro em três novos grupos em relação à origem etimológica daqueles que foram derivados do latim: a) verbos que mantiveram a composicionalidade; b) verbos que não mantiveram a composicionalidade, mas conservaram o significado; c) verbos que perderam a composicionalidade e sofreram mudanças no significado.

4.1. Análise do *corpus*

(1) Agregar:

O verbo agregar no português veio do verbo latino *aggrêgō* (*adgrêgō*), *ās*, *āre*, *āvi*, *atum*, que, por sua vez, foi formado a partir do substantivo latino *grex*, *gregis*. Logo, pode-se dizer que o verbo *aggrêgāre*, ou *adgrêgāre*, é um verbo denominal, justamente por ser formado a partir de uma base nominal.

Analisando a composição e formação do verbo latino, é interessante notar como há a preposição latina *ad* na construção deste verbo. Além disso, ainda em sua formação interna, há, também, a presença do nome *grex*, *gregis*. Desta forma, na construção do verbo denominal latino, tanto a preposição, quanto o nome aparecem em sua formação interna. Estas noções ficam mais evidentes quando gerada sua árvore sintática:

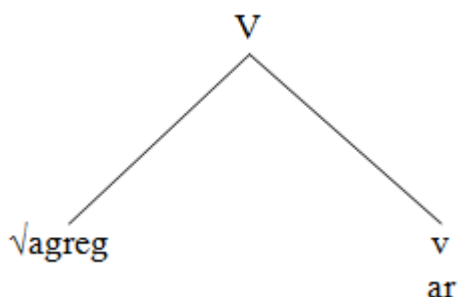


A partir da árvore, nota-se a presença de um nó sintático nominal e de uma base nominal na composição interna desse verbo. Ademais, percebe-se a presença da preposição *ad* na posição de prefixo. Vale ressaltar que a preposição *ad* sofreu alterações fonológicas, que fez com que ele passasse a também ser escrito como *ag*. Por isso é possível ter esse verbo denominal latino escrito como *adgrêgāre* ou *aggrêgāre*.

Do ponto de vista da composicionalidade ou da idiomatidade, pode-se dizer que este verbo latino é composicional, já que o seu significado é resultado da soma dos significados de cada parte que o compõe, ou seja, de (*ad* + *grex, gregis*). Com isso, o verbo *aggrêgāre* (*adgrêgāre*), em si, significa “reunir, ajuntar, associar”.

Neste ponto, ao analisar cada parte que o compõe, nota-se que a preposição *ad* apresenta diversas acepções, porém, em suma, traz as ideias de ‘aproximação’, ‘de trazer para perto’, ‘de juntar’. Já o nome *grex, gregis* significa ‘reunião de indivíduos ou animais da mesma espécie’, ‘rebanho’, ‘multidão’. De certa forma, ao juntar os significados da preposição *ad* com o nome *grex, gregis*, forma o significado do verbo latino *aggrêgāre* (*adgrêgāre*), sendo possível, portanto, de notar a composicionalidade neste verbo.

No entanto, durante a passagem para o português, o verbo acabou sofrendo mudanças diante de sua formação interna e de sua leitura semântica. Estas constatações ficam comprovadas quando gerada a árvore sintática do verbo *agregar*. Com isso, vejamos:



Deste modo, nota-se como não há mais um nó sintático nominal na composição interna deste verbo, nem a noção de uma preposição, o que faz com que o verbo, no português, apresente uma formação sintática diferente. Neste sentido, apesar de *agregar* e *aggrêgāre* (*adgrêgāre*) apresentem significados semelhantes, a construção desses significados são diferentes. Isto é, em *aggrêgāre*, o significado do verbo é construído a partir de elementos presentes na construção interna deste verbo, como a preposição *ad* e o nome *grex, gregis*. Já em *agregar*, como já mencionado, não há mais a presença desses elementos em sua formação interna, o que faz com que, durante a passagem para o português, este verbo

tenha perdido sua composicionalidade, passando a ter uma leitura idiomática com um significado totalmente arbitrário.

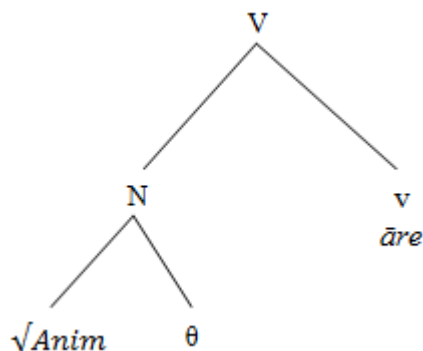
(2) Animar:

O verbo *animar* teve origem no verbo denominal latino *anīmo, ās, āre, āvi, ātum*, que possui como base o nome *anima, -ae*. No latim, *anīmāre* significa ‘animar’, ‘dar vida a’, ‘vivificar’ e *anima, ae* significa justamente alma, vida. Com isso, é possível perceber, mais uma vez, como no latim este verbo é composicional. Isto porque a construção do significado do verbo é formada a partir do significado de sua base nominal.

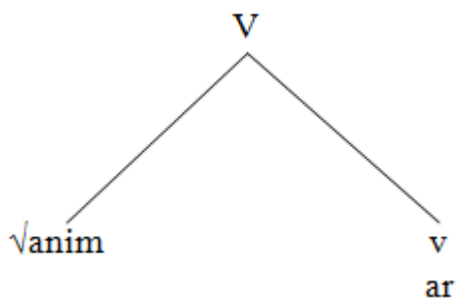
Porém, no português, assim como o verbo *agregar*, o verbo *animar* não manteve a sua composicionalidade, já que não carrega na sua construção o significado e a noção de uma base nominal, diferentemente do que ocorria no verbo latino. Neste sentido, o verbo *animar* se trata de um verbo simples com uma formação idiomática.

Para observarmos melhor essa diferença, vejamos as árvores geradas de cada verbo:

a) *anīmāre*:



b) *animar*:



Deste modo, percebe-se como na árvore sintática do verbo *anīmāre* há a presença de um nó sintático nominal e uma base nominal em sua raiz. Neste ponto, pode-se considerar esse verbo composicional, já que o significado de *anīmāre* é construído a partir do significado do nome *anima, ae*. No português, destaca-se a partir da árvore como não há mais esse nó

sintático nominal, nem uma base nominal na raiz do verbo. Logo, o verbo *animar* passa a ter uma formação sintática distinta com uma leitura idiomática.

Verificando o significado dos verbos, como destacado, *anīmāre* significa ‘dar vida a’ e *animar* também significa ‘dar vida a’. Desta forma, apesar dos verbos apresentarem uma formação sintática e uma leitura semântica diferentes, *anīmāre* e *animar* apresentam uma semelhança no significado. Neste sentido, durante a passagem do latim para o português, o verbo *animar* conservou o significado, mesmo que tenha perdido a composicionalidade e a complexidade de sua formação interna.

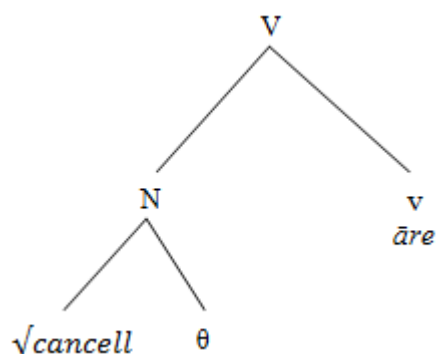
(3) Cancelar:

Em relação ao verbo cancelar, verifica-se que este verbo, no português, quando comparado com o verbo latino, apresenta uma mudança tanto no significado quanto na composicionalidade. Isto porque *cancelar* teve origem no verbo denominal latino *cancellō, as, āre, āvi, ātum* (FARIA, 1992), que foi formado a partir do nome *cancellus, -i*. Ao analisar o significado do verbo e do substantivo latinos, observa-se que *cancellus, -i* significa ‘grade’, ‘gradaria’, ‘barreira’ e *cancellāre* significa ‘engradar’, ‘colocar grades’. Desta forma, percebe-se que no significado do verbo latino está contida a noção e o significado de sua base nominal. Logo, trata-se de um verbo que apresenta uma leitura composicional.

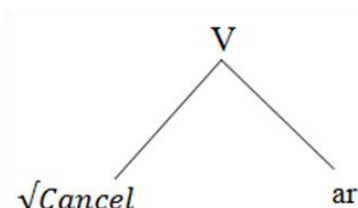
No entanto, no português, *cancelar* possui um novo significado e uma nova formação. Com o advento e um maior desenvolvimento das redes sociais, tornou-se comum cancelar pessoas. Isto é: boicotar, criticar, excluir, isolar e atacar uma pessoa que agiu mal ou fez algo de errado. Deste modo, percebe-se que estas acepções não possuem qualquer tipo de relação com o significado apresentado no latim, nem com sua base nominal.

Ademais, ainda sobre o significado do verbo *cancelar*, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) fornece mais algumas acepções, como ‘dar por encerrado’, ‘concluído’, ‘suspender’. Percebe-se, mais uma vez, que esses significados também não conservam grande semelhança com o significado do verbo denominal latino. Além disso, como mencionado, destaca-se que o verbo *cancelar* também não conserva a complexidade da formação interna que havia no verbo latino. Neste sentido, é interessante utilizar as árvores sintáticas desses verbos para analisar melhor as mudanças que ocorreram nestes verbos:

a) Cancellāre:



b) Cancelar:



Através da árvore sintática do verbo *cancellāre*, nota-se como há a presença do nome *cancellus*, *-i* em sua formação interna. Logo, o verbo, no latim, conta com uma formação interna complexa, além de uma composicionalidade, já que o significado de *cancellāre* é construído a partir do significado de *cancellus*, *-i*.

Porém, durante a passagem para o português, o verbo *cancelar* não conservou essa composicionalidade, nem uma formação interna complexa. Neste ponto, através de sua árvore sintática, percebe-se como não há mais um nó sintático nominal em sua formação interna, nem uma base nominal em sua raiz. Deste modo, como já destacado, os verbos *cancellāre* e *cancelar* apresentam diferenças em seus significados e em sua formação interna, o que faz com que seja possível afirmar que, sincronicamente, esses verbos possuem apenas uma semelhança fonológica.

(4) Crucificar:

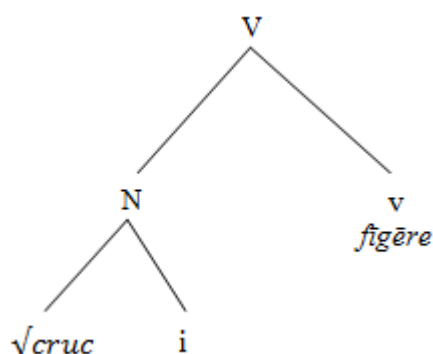
O verbo *crucificar* é proveniente do verbo denominal latino *crucifigo*, *is*, *ere*, *fixi*, *fixum*, que, por sua vez, teve origem no nome *crux*, *crucis*. De acordo com o dicionário latino-português (FARIA, 1992), *crucifigere* significa ‘crucificar’, ‘pregar na cruz’, e *crux*, *crucis* significa justamente ‘cruz’. Neste sentido, percebe-se que no significado do verbo latino está contido o significado de sua base nominal. Trata-se, portanto, de um verbo com uma leitura composicional.

No português, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), *crucificar* significa ‘submeter ao suplício da cruz’, ‘pregar na cruz’. Desta forma, nota-se que ainda há a presença do nome *cruz* na construção de seu significado. Logo, durante a passagem do latim para o português, pode-se dizer que houve a manutenção da composicionalidade neste verbo.

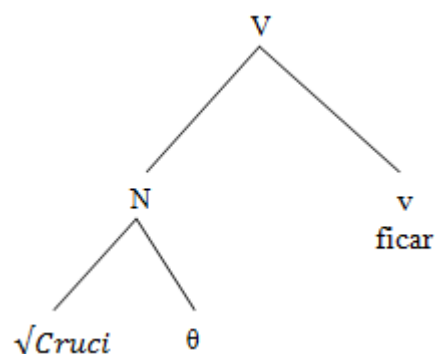
No entanto, é interessante destacar que o verbo *crucificar* também apresenta um significado metafórico, já que é possível este verbo ter como significado e sentido ‘massacrar’, ‘atormentar’, ‘criticar de forma negativa’. Pode-se dizer, portanto, que, no português, *crucificar* apresenta um significado literal e metafórico.

Ainda sobre a manutenção da composicionalidade neste verbo diante de seu significado literal, será possível observar melhor essa noção quando geradas as árvores desses verbos:

a) *crucifigēre*:



b) *crucificar*:



Ao observar as árvores, percebe-se como tanto no latim, como no português há a presença de um nome na raiz dos verbos, ainda que eles não estejam foneticamente realizados. Deste modo, como mencionado, no latim, o verbo *crucifigere* tem na sua

formação interna o nome *crux*, *crucis*, e o seu significado é construído justamente a partir do significado de sua base nominal. Logo, trata-se de um verbo com uma leitura composicional.

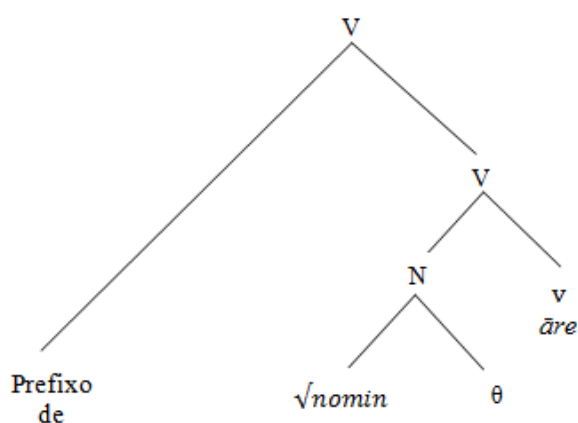
O verbo *crucificar*, por sua vez, conservou essa composicionalidade. Isto ocorre porque, como pode ser observado em sua árvore sintática, no português, o verbo também conta com uma base nominal em sua formação, que também ajuda a construir o seu significado. Portanto, houve uma manutenção da composicionalidade quando comparado o verbo denominal latino com o verbo no português.

(5) Denominar:

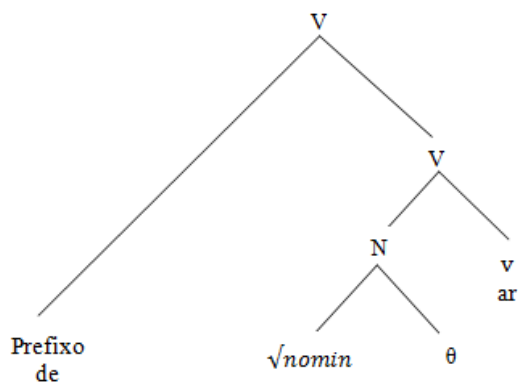
Assim como o verbo *crucificar*, o verbo *denominar* conservou a composicionalidade durante a mudança do latim para o português. Isto porque *denominar* teve origem no verbo denominal latino *denomino*, *ās*, *āre*, *āvī*, *ātum*, que tem *nomem*, *-inis* como base nominal. No latim, *dēnōmināre* significa ‘designar por um nome’, e *nomen*, *-inis* significa ‘nome’.

Com isso, percebe-se que, mais uma vez, a base nominal está presente na construção do significado do verbo latino. O que faz com que seja possível afirmar que esse verbo tenha uma leitura composicional. No português não é diferente. Neste sentido, vejamos as árvores sintáticas para entendermos essa semelhança:

a) *dēnōmināre*:



b) denominar:



Nas duas árvores sintáticas há a presença de um nó sintático nominal e de uma base nominal na raiz desses verbos. Do ponto de vista da composicionalidade ou da idiomatidade, destaca-se como o significado dos dois verbos são construídos a partir do significado da base nominal de cada um desses verbos, *nomen, inis* no caso de *denominare* e *nome* no caso de *denominar*.

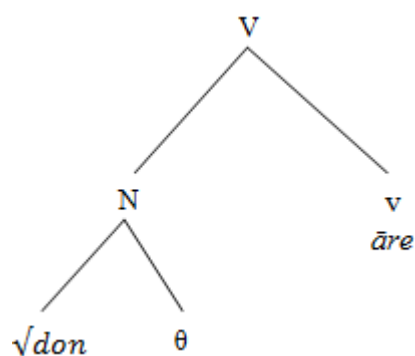
Por fim, do ponto de vista do significado, *denominar* significa ‘caracterizar ou ser caracterizado por meio de palavra, nome, expressão’, ‘chamar (-se)’. Nota-se, assim, como há uma manutenção do significado. Deste modo, durante a passagem para o português, a composicionalidade se conservou neste verbo, bem como o seu significado.

(6) Doar:

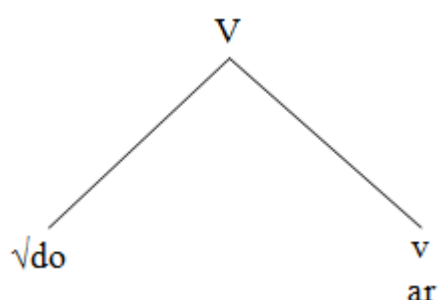
De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), o verbo *doar* tem como acepção ‘transferir de modo legal e gratuito (bens ou vantagens) a (outrem)’. Em uma visão etimológica, este verbo teve origem no verbo denominativo latino *dōno, ās, āre, āvi, ātum*, que foi formado a partir do nome *donum, -i*. No latim, o verbo *donāre* significa ‘doar’, ‘presentear’, e *donum, -i* significa ‘presente’.

Sendo assim, percebe-se a composicionalidade no verbo latino, já que na construção do significado do verbo *donāre* está presente o significado do nome *donum, -i*. Porém, durante a passagem do latim para o português, o verbo acabou sofrendo mudanças que podem ser observadas quando comparadas as árvores sintáticas desses verbos:

a) *donāre*:



b) doar:



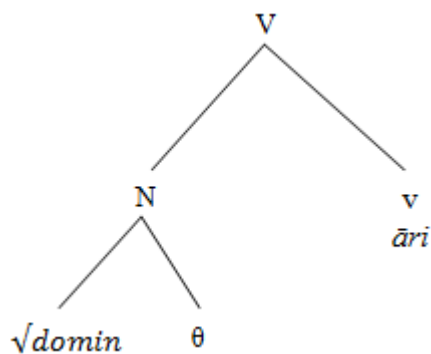
A partir da árvore sintática do verbo *doar*, nota-se como não há mais um nó sintático nominal e um nome em sua raiz. Além disso, o verbo no português passou a ter uma leitura idiomática, justamente por não ter mais o significado de uma base nominal na construção de seu significado. Com isso, o verbo *doar* e o verbo *donāre* conservam uma semelhança de significado, apesar da formação desse significado ter sido construída de forma diferente.

(7) Dominar:

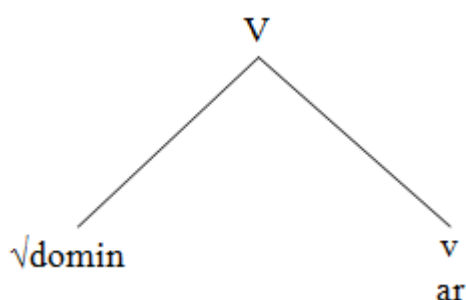
Etimologicamente, *dominar* teve origem no verbo latino *domīnor*, *āris āri*, *ātus sum* (FARIA, 1992), que significa ‘ser dono de alguém’ e foi formado a partir do nome *dominus*, *-i*, que significa ‘dono’, ‘senhor’. Logo, percebe-se que o verbo denominal latino apresenta uma composicionalidade em seu significado.

No português, *dominar* significa ‘ter grande ascendência sobre (uma pessoa ou grupo de pessoas), a ponto de influenciá-la(s)’. Apesar de o significado, em parte, ter se mantido do latim para o português, o verbo *dominar* perdeu uma camada nominal, que acabou fazendo com que este verbo perdesse sua composicionalidade. Esta perda fica mais evidente através das árvores sintáticas desses verbos:

a) *domīnāri*:



b) Dominar:



Na árvore sintática do verbo latino, percebe-se que em sua raiz há a presença do nome *dominus, -i*, ainda que ele não esteja foneticamente realizado. Ademais, como destacado, o significado de *dominus, -i* compõe o significado do verbo *domināri*, o que faz com que seja possível afirmar que o verbo latino apresenta uma leitura composicional.

Porém, como se pode observar na árvore sintática do verbo *dominar*, não há mais a presença de um nó sintático nominal e de um nome em sua raiz. Deste modo, durante a passagem para o português, o verbo sofreu uma modificação em sua formação interna e na sua leitura semântica, já que perdeu sua composicionalidade.

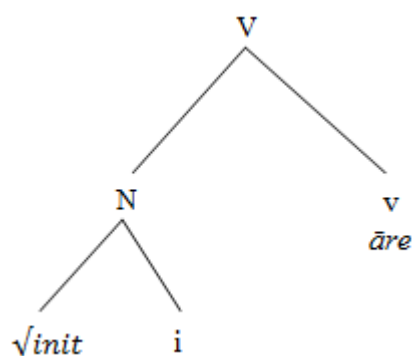
(8) Iniciar:

O verbo *iniciar*, no português, significa ‘dar início a, começar; principiar (-se), inaugurar’ e veio do verbo denominal latino *initĭo, ās, āre, āvi, ātum*, que, por sua vez, foi formado a partir do nome *initium, -i*. No latim, *initiāre* significa ‘iniciar (ritos secretos, mistérios), fazer uma iniciação’ e *initium, -i* significa ‘começo, princípio, origem’.

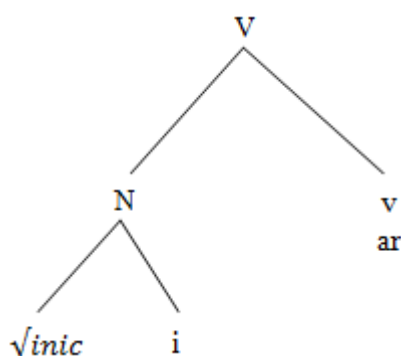
Do ponto de vista da composição interna, destaca-se que na formação interna do verbo *initiāre* está presente uma base nominal que acaba formando o seu significado. Ou seja, dentro do significado do verbo *initiāre* está presente o significado do nome *initium, i*, sua base nominal. Neste ponto, é possível entender esse verbo tendo uma leitura composicional.

Além disso, a fins comparativos, observemos as árvores sintáticas dos verbos no latim e no português:

a) *initiāre*:



b) *iniciar*:



Como pode ser observado, as árvores dos verbos *initiāre* e *iniciar* são praticamente iguais. Isto porque, em suas formações internas, os dois verbos apresentam um nó sintático nominal e um nome em sua raiz. Além disso, possuem como nominalizador o [-i]. Em relação à composicionalidade, destaca-se que houve uma manutenção da composicionalidade que havia no verbo latino.

Neste sentido, na formação do significado do verbo *iniciar* está contido o significado de sua base nominal, no caso o nome *início*. Logo, pode-se dizer que houve uma conservação da leitura semântica do verbo latino. Isto é: o verbo no português continua tendo uma leitura composicional.

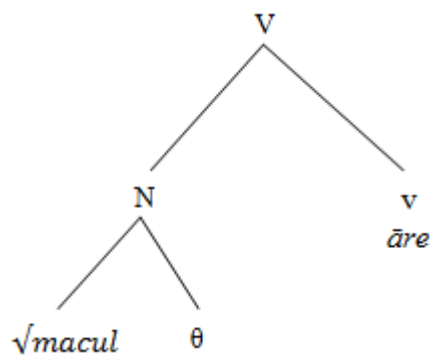
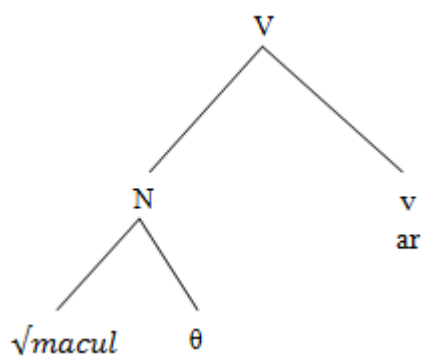
No entanto, vale destacar que, apesar de ter conservado muitos elementos do verbo latino, o verbo no português sofreu uma pequena mudança no significado. Isto ocorreu porque, no latim, o significado do verbo *initiāre* estava muito ligado à ideia de iniciar ritos e cerimônias, enquanto que no português esta noção foi perdida, passando a ter como significado apenas a ideia de ‘dar início a algo’.

Deste modo, o verbo *iniciar* conservou uma formação interna complexa, com uma base nominal em sua raiz, bem como sua composicionalidade. Porém, acabou sofrendo uma pequena mudança no significado.

(9) Macular:

Com a passagem do latim para o português, o verbo *macular*, no português, conservou todas as características que havia no verbo denominal latino *macŭlo, ās, āre, āvi, ātum*, verbo denominal em que se originou. Etimologicamente, *maculāre* teve origem no nome *macula, -ae*. Em relação à leitura semântica, este verbo latino é composicional, isto porque o seu significado é construído a partir do significado de sua base nominal *macula, -ae*. Neste sentido, ressalta-se que *maculāre* significa ‘manchar’, ‘sujar’ e *macula, -ae* significa justamente ‘mancha’.

Em uma comparação com o português, como mencionado, o verbo não sofreu modificações. Isto fica evidente quando gerada as árvores sintáticas dos dois verbos. Vejamos:

a) *maculāre*:b) *macular*:

A partir das árvores, percebe-se como há um nó sintático nominal e uma base nominal na raiz desses verbos. Deste modo, pode-se dizer que os verbos são complexos, isto é: são verbos que possuem em sua formação interna um nome. Neste sentido, *maculāre* foi formado a partir do nome *macula, -ae* e *macular* foi formado a partir de *mácula*, ainda que os dois nomes não estejam foneticamente realizados.

Sobre a composicionalidade, o verbo, no português, conservou esta leitura semântica. Ou seja, o significado de *macular* é formado e construído a partir do significado do nome *mácula*. Logo, o verbo no português continua sendo composicional.

Por fim, em relação ao significado, como mencionado, *maculāre* significa ‘manchar’, ‘sujar’ e *macular* também significa ‘pôr mancha em’, ‘sujar’. Desta forma, como destacado, o verbo macular conservou o significado, a composicionalidade e a formação complexa que havia no verbo denominal latino em que se originou.

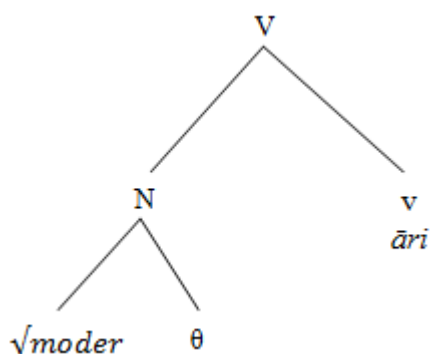
(10) Moderar:

Se o verbo *macular* manteve as características que havia no verbo denominal latino em que se originou, não é possível dizer o mesmo do verbo *moderar*. Do ponto de vista etimológico, *moderar* teve origem no verbo denominal latino *modēror*, *āris*, *āri*, *ātus sum*, que foi formado a partir do nome *modus*, *-i*.

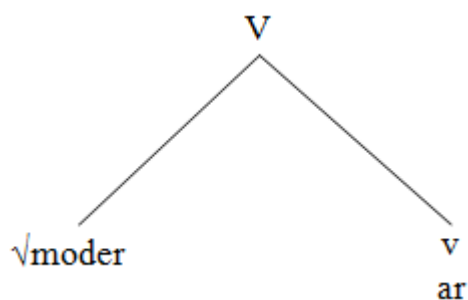
No latim, *modērare* significa ‘moderar’, ‘manter na medida’, ‘regular’, e, dentre as tantas acepções possíveis para *modus*, *-i*, a mais comum é a de ‘medida’. Neste sentido, percebe-se que dentro do significado de *modērare* está presente a noção e o significado de *modus*, *-i*. Trata-se, portanto, de um verbo complexo com uma leitura composicional.

No entanto, no português, o verbo não é mais complexo e, sim, simples. Além de ter sofrido uma perda da camada nominal e de sua leitura semântica. Neste ponto, vejamos as árvores sintática para analisarmos as diferenças:

a) *moderāri*:



b) moderar:



Analisando comparativamente as árvores, nota-se, no português, como houve a perda da camada nominal, ou seja, do nó sintático nominal e do nome que havia na raiz. Com isso, o verbo *moderar* passou a ser simples, além de ter perdido a composicionalidade que havia no latim, já que o seu significado não é mais construído a partir do significado de uma base nominal.

Do ponto de vista do significado, *moderar* significa ‘controlar’, ‘refrear’, ‘fazer guardar as justas proporções’. Sendo assim, pode-se dizer que *moderar* e *modērāre* compartilham alguns significados, ao mesmo tempo em que apresentam outros diferentes. Neste sentido, o verbo *moderar* perdeu a complexidade e a composicionalidade, mas manteve, em partes, o significado.

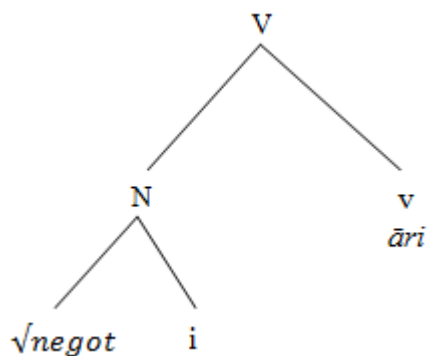
(11) Negociar:

O verbo *negociar*, por sua vez, conservou todas as características que havia no verbo denominal latino em que se originou. Ou seja, *negociar* veio do verbo *negōtior, āris, āri, ātus sum*, que foi formado a partir de *negotium, -i*. No latim, *negōtiārī* significa ‘negociar’, ‘comerciar’ e *negotium, -i* significa ‘negócio’ ‘comércio’. Neste sentido, nota-se a composicionalidade no verbo latino, já que no seu significado está incluído o significado de sua base nominal.

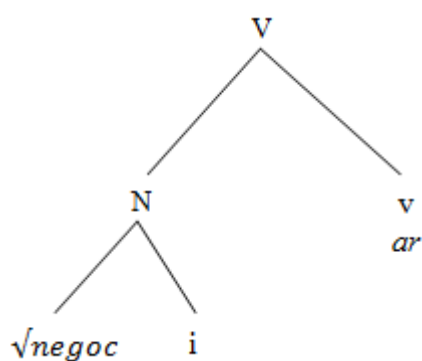
No português, como mencionado, o verbo não sofreu mudanças. Em relação ao seu significado, *negociar* significa ‘lidar com negócios’, ‘transacionar comercialmente’, ‘comerciar’. Neste ponto, percebe-se que os significados se mantiveram do latim para o português. Além disso, destaca-se que houve uma manutenção da composicionalidade do verbo, já que a noção da base nominal, no caso *negócio*, continua presente no verbo *negociar*.

Estas noções ficam evidentes quando as árvores sintáticas são geradas. Neste ponto, observamos:

a) *negōtiārī*:



b) negociar:



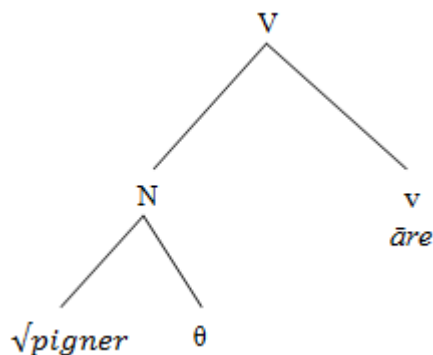
A partir da análise das árvores, demonstra-se a presença de um nó sintático nominal, de um nome na raiz e de uma semelhança entre os verbos, além de um nominalizador [i]. Neste ponto, ambos os verbos são complexos e, como mencionado acima, o verbo no português conservou o significado, a leitura semântica e a complexidade de sua formação interna.

(12) Penhorar:

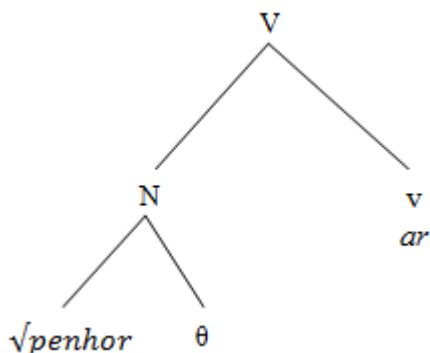
Etimologicamente, *penhorar* veio de *pignĕro* (*pignōro*), *as, āre, āvi, ātum*, que se formou a partir do nome *pignus, oris*. No latim, *pignerāre* significa ‘empenhar’, ‘dar em penhor’ e *pignus, oris* significa ‘penhor’. Neste sentido, este verbo é complexo e, mais uma vez, destaca-se a leitura composicional, já que o seu significado é formado a partir do significado de sua base nominal.

Como mencionado acima, durante a passagem do latim para o português, o verbo *penhorar* conservou a mesma formação e leitura semântica que havia no verbo denominal latino *pignerāre*. Neste ponto, vejamos as árvores sintáticas dos dois verbos:

a) *pignerāre*:



b) penhorar:



A partir das árvores, observa-se como, de fato, não houve mudanças entre o verbo latino e o verbo no português. Diante de sua formação interna, destaca-se a presença de um nó sintático nominal e uma base nominal na raiz de ambos os verbos, revelando a complexidade dos verbos. Do ponto de vista da composicionalidade, vale ressaltar que também houve a manutenção, uma vez que o significado de *penhorar* é construído a partir do significado de sua base nominal *penhor*.

Em relação ao significado em si, de acordo com o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001), *penhorar* significa ‘efetuar a penhora de’, ‘empenhar’; e, como já destacado, *pignerare* significa ‘empenhar’, ‘dar em penhor’. Neste ponto, percebe-se a conservação do significado durante a passagem para o português. Logo, o verbo, no português não sofreu modificações, seja na leitura semântica, no significado ou na complexidade de sua formação interna.

(13) Ponderar:

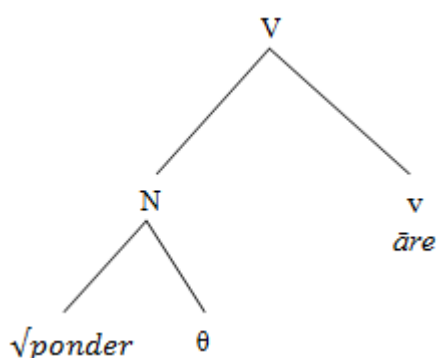
O verbo *ponderar*, por sua vez, sofreu mudanças e perdas durante a passagem do latim para o português. No latim, *pondĕro, ās, āre, āvi, ātum* é um verbo denominal e foi originado a partir do nome *pondus, ěris*. Em relação ao significado, é interessante ressaltar

que o Dicionário escolar: latino-português (FARIA, 1992) fornece algumas diferentes acepções para o verbo latino.

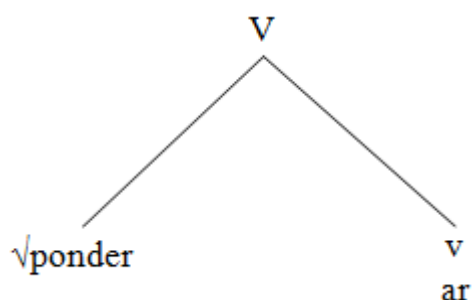
Isto ocorre porque o dicionário separa as acepções entre sentido literal ou figurado. Ou seja, a partir de um sentido literal, entende-se *ponderāre* como ‘pesar’. Por outro lado, diante de um sentido figurado, é possível ter como significado ‘ponderar’, ‘julgar’, ‘apreciar’. Em relação à sua base nominal, *pondus, ěris* significa ‘peso’. Neste ponto, nota-se a presença da base nominal na construção do significado do verbo latino, sendo possível, portanto, entender a composicionalidade no verbo *ponderāre*.

No entanto, o verbo, no português, não conservou estas características. Deste modo, *ponderar* sofreu uma perda da camada nominal, o que fez com este verbo, complexo no latim, passasse a ser simples no português. Isto pode ser observado a partir da comparação entre as árvores sintáticas dos verbos. Para isso, analisemos:

a) *ponderāre*:



b) *ponderar*:



A partir desta análise comparativa, nota-se como houve a perda de uma camada nominal, ou seja, o nó sintático nominal e a base nominal que havia no verbo latino foram perdidas e não aparecem mais na árvore do verbo no português. Neste ponto, como mencionado, o verbo no português não é mais complexo, como outrora no latim, mas sim simples, justamente por não ter mais uma base nominal em sua formação interna.

Diante da composicionalidade e idiomaticidade, destaca-se que o verbo, no português, não é mais composicional, como era no latim. Isto ocorre porque, com a perda dessa camada nominal, o significado do verbo *ponderar* passou a ser puramente arbitrário, ou seja, o verbo passou a ter uma leitura idiomática.

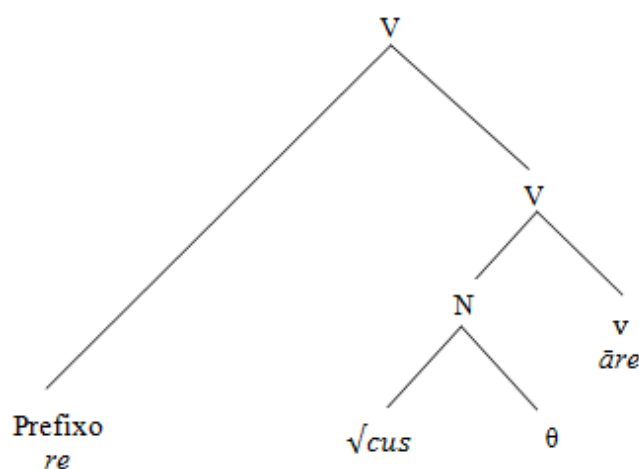
Ainda sobre o significado, diante das acepções, o verbo, no português, sofreu uma perda do significado literal que havia no latim, mas conservou o significado figurado, já que *ponderar* também significa ‘examinar com atenção e minúcia’, ‘avaliar’, ‘apreciar’. Deste modo, o verbo *ponderar* não conservou a leitura semântica e a formação complexa, mas conservou, em partes, o significado.

(14) Recusar:

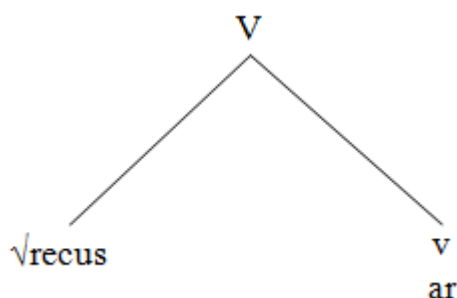
O verbo *recusar* passou pelas mesmas mudanças e perdas que os verbos *ponderar* e *dominar* sofreram durante a passagem do latim para o português. Do ponto de vista etimológico, *recusar* veio do verbo denominal latino *recūso, ās, āre, āvi, ātum*, que, por sua vez, foi formado a partir do nome *causa, ae*. No latim, o verbo *recūsāre* é complexo e significa ‘recusar’, ‘rejeitar’, ‘declinar’, ‘não querer aceitar’. Em relação à sua base nominal, *causa, -ae* significa ‘causa’, ‘motivo’, ‘razão’. Neste sentido, vale ressaltar que este verbo tem uma leitura composicional, já que a construção de seu significado ocorre a partir do significado do nome *causa, ae*.

No português, o verbo *recusar* acabou perdendo sua complexidade. Esta afirmação pode ser comprovada quando analisamos as árvores sintáticas desses verbos. Com isso, vejamos:

a) *recūsāre*:



b) *recusar*:



Analisando as árvores, percebe-se como houve a perda do nó sintático nominal e da base nominal na raiz do verbo no português. Desta forma, pode-se dizer que o verbo *recusar* não é mais complexo, mas, sim, simples, já que perdeu a complexidade de sua formação interna. Em relação a composicionalidade, o verbo, no português também a perdeu, passando a ter, portanto, um significado arbitrário e idiomático.

Ademais, é interessante observar, também, como houve, durante a passagem para o português, a “perda” do prefixo [re-]. Isto ocorre porque, no latim, como pôde ser observado a partir de sua árvore sintática, o verbo apresenta um nó sintático para o prefixo [re-], já que o verbo foi formado a partir de (*re-* + *causa* + *āre*). Neste sentido, [re-] seria o prefixo, ‘*causa*’ a base nominal, que sofreu alterações fonológicas e passou para ‘*cusa*’ e *āre* o verbalizador.

No entanto, no português, percebe-se que não há mais um nó sintático alocando o prefixo [re-]. Neste ponto, pode-se entender esta perda por conta da presença do [re-] ter se tornado imprescindível para a formação do verbo *recusar*, já que o verbo não poderia ser formado sem a sua presença. Logo, o [re-], outrora prefixo no verbo latino, acaba sendo integrado e passa a ser entendido como parte da raiz como um todo. Deste modo, a raiz do verbo no português passa a ser \sqrt{recus} , como pode ser visto a partir de sua árvore sintática.

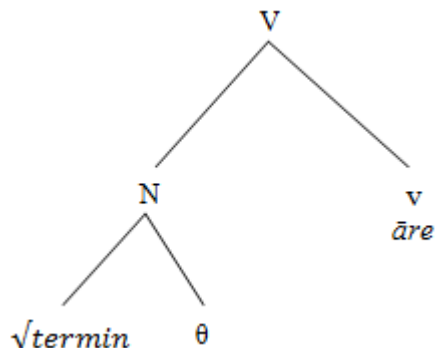
Por fim, diante das acepções do significado, percebe-se que houve uma manutenção do mesmo, já que o verbo, no português, também significa ‘não aceitar (o que é oferecido)’, ‘declinar de’. Logo, o verbo *recusar* é um verbo que perdeu a composicionalidade e a complexidade, mas conservou o significado.

(15) Terminar:

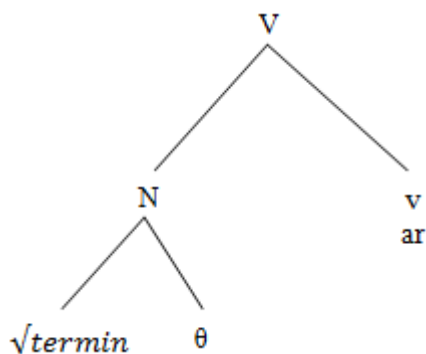
Etimologicamente, *terminar* veio do verbo denominal latino *termīno, ās, āre, āvi, ātum*, que, por sua vez, tem como base nominal *terminus, -i*. No latim, *termināre* é um verbo complexo e significa ‘limitar’, ‘delimitar’, ‘acabar’, ‘encerrar’, enquanto que *terminus, -i* significa ‘termo’, ‘limite’, ‘fim’. Neste sentido, na construção do significado do verbo latino está presente o significado de sua base nominal. Logo, entende-se esse verbo como composicional.

No português, o verbo *terminar* conservou o mesmo significado e a complexidade da formação. É possível observar as semelhanças entre os verbos quando gerada as árvores sintáticas. Para isso, vejamos:

a) *termināre*:



b) *terminar*:



Tanto em *termināre*, quanto em *terminar* há a presença de um nó sintático nominal e de um nome na raiz do verbo. Como mencionado, na formação de *termināre* tem o nome *terminus*, *-i*. Em português não é diferente. Com isso, no verbo *terminar*, há presença do nome *término*. Neste sentido, o verbo no latim e no português é complexo.

Ademais, houve uma manutenção da composicionalidade, isto porque o significado da base nominal desses verbos está presente em seus significados. Por fim, sobre o significado em si, *terminar* significa ‘fazer chegar ou chegar ao seu termo’; ‘acabar (-se)’; ‘concluir (-se)’. Logo, observa-se que o verbo também manteve o significado durante a mudança do latim para o português.

4.2. Proposta de uma nova organização dos verbos

Após realizar a análise dos quinze verbos selecionados, pôde-se observar que cada verbo no português brasileiro (PB) possui uma formação específica e uma relação singular com o verbo denominal latino em que se originou. Neste sentido, é interessante redistribuir os

verbos analisados em grupos específicos, buscando catalogá-los e organizá-los a partir de sua formação interna e de suas características.

4.2.1. Verbos que mantiveram a composicionalidade

Estes são os verbos que mantiveram a complexidade em sua formação interna, bem como sua composicionalidade. Ou seja, são os verbos que mantiveram uma base nominal em sua raiz e um significado construído a partir do significado do nome presente em sua composição interna.

base (em latim)	verbo em latim	verbo em português
<i>crux, crucis</i>	<i>crucifigo, is, ere, fixi, fixum</i>	Crucificar
<i>nomen, inis</i>	<i>denomino, ās, āre, āvi, ātum</i>	Denominar
<i>initium, i</i>	<i>initio, ās, āre, āvi, ātum</i>	Iniciar ¹
<i>macula, ae</i>	<i>maculo, ās, āre, āvi, ātum</i>	Macular
<i>negotium, i</i>	<i>negotior, āris, āri, ātus sum</i>	Negociar
<i>pignus, oris</i>	<i>pignero, ās, āre, āvi, ātum</i>	Penhorar
<i>terminus, i</i>	<i>termino, ās, āre, āvi, ātum</i>	Terminar

4.2.2. Verbos que perderam a composicionalidade, mas mantiveram o significado

Estes são os verbos, no português, que perderam a composicionalidade e a formação interna complexa que havia no verbo denominal latino em que, etimologicamente, originou-se. No entanto, apesar de não conservarem a complexidade de sua composição interna, esses verbos mantiveram totalmente, ou em partes, o significado, ainda que tenha passado a ser puramente arbitrário com uma leitura idiomática.

base (em latim)	verbo em latim	verbo em português
<i>grex, gregis</i>	<i>aggrêgō (adgrêgō), -ās, -āre, -āvi, -atum</i>	Agregar
<i>anima, ae</i>	<i>animo, ās, āre, āvi, ātum</i>	Animar

¹ Como destacado na análise, o verbo *iniciar* manteve a composicionalidade, mas sofreu uma pequena mudança no significado. Portanto, a fins organizacionais, este verbo foi incluído neste grupo, mas vale ressaltar o fato de ter ocorrido essa pequena mudança no significado.

<i>donum, i</i>	<i>dōno, ās, āre, āvi, ātum</i>	Doar
<i>dominus, i</i>	<i>domīnor, āris, āri, ātus sum</i>	Dominar
<i>modus, i</i>	<i>modēror, āris, āri, ātus sum</i>	Moderar
<i>pondus, ěris</i>	<i>ponděro, ās, āre, āvi, ātum</i>	Ponderar
<i>causa, ae</i>	<i>recūso, ās, āre, āvi, ātum</i>	Recusar

4.2.3. Verbos que perderam a composicionalidade e sofreram mudanças no significado

Este é o caso do verbo que não conservou a complexidade da formação interna, a composicionalidade e o significado que havia no verbo denominal latino. Logo, este verbo possui apenas uma semelhança fonológica com o verbo em que se originou etimologicamente.

base (em latim)	verbo em latim	verbo em português
<i>cancellus, -i</i>	<i>cancēllo, as, āre, āvi, ātum</i>	Cancelar

Considerações finais

Este trabalho enfatizou uma análise investigativa e comparativa da formação interna e da leitura semântica dos verbos denominais latinos e de seus cognatos no português brasileiro (PB). Neste ponto, o objetivo foi entender como ocorreu a construção e formação de verbos complexos derivados de nomes da língua portuguesa a partir do léxico do latim.

Os resultados da análise indicaram que cada verbo no PB possui uma formação específica e uma relação própria com o verbo denominal latino em que se originou etimologicamente. Com isso, observou-se que há verbos no português que conservaram a complexidade, a composicionalidade e o significado que havia nos verbos denominais latinos, assim como tiveram verbos que sofreram profundas mudanças, seja do ponto de vista do significado, da complexidade ou da leitura semântica.

Neste sentido, a partir dessa análise, houve a sugestão de uma nova distribuição e organização dos dados analisados. Deste modo, os grupos em que foram divididos são: 1) Verbos que mantiveram a composicionalidade; 2) Verbos que perderam a composicionalidade, mas conservaram o significado; 3) Verbos que perderam a composicionalidade e mudaram o significado. Interessante notar que todas as derivações respeitam as regras de formação de palavras da língua-alvo, uma predição teórica importante, inclusive para estudos mais abrangentes, como o estudo de empréstimos.

Por fim, espero que este trabalho tenha contribuído, de alguma forma, para a discussão, entendimento e compreensão sobre como se deu a construção do léxico da língua portuguesa a partir do latim. De fato, grande parte do léxico da língua portuguesa foi formado a partir do léxico latino, mas, como pode ser atestada ao longo do trabalho, essa formação apresenta interessantes discussões e diferenças do ponto de vista da complexidade interna e da leitura semântica.

Referências

BASSANI, I. S. **Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Linguística.

CARDOSO, Elis de Almeida. **A formação histórica do léxico da língua portuguesa**. A língua que falamos : português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005

CHOMSKY, Noam. **Remarks on nominalization**. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. Readings in English transformational grammar. Waltham, Mass: Ginn & Company, 1970, p. 184-221.

_____. **Language and problems of knowledge**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

DAVID, RS. **A influência da Língua Latina na Língua Portuguesa**. Cadernos do CNLF, vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar latino português**; Rio de Janeiro: FAE, 1992.

Grande Dicionário Houaiss. Disponível em:

<https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. **Some key-features of Distributed Morphology**. In CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi (eds). MIT Working Papers in Linguistics 21. Papers on Phonology and Morphology, 1994, p. 275-288.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LENNEBERG, E. H. **A capacidade de aquisição da linguagem**. Tradução Miriam Lemle. In: LEMLE, M.; LEITE, Y. Novas perspectivas linguísticas: volume 1 de Coleção perspectivas linguísticas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

MAGNE, Augusto. **Dicionário etimológico da língua latina**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961.

MARANTZ, Alec. **No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon**. In Proceedings of the 27th Annual Penn Linguistics Colloquium. UPenn Working Papers in Linguistics 4:2, Article 14. Philadelphia, PA, UPenn, 1997.

_____. **Words and Things**. Manuscrito. NYU, 2001.

PEDERNEIRA, I. L. **Etimologia e Reanálise de Palavras**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Letras e Artes. Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Linguística, 2010.

SCHER, A. P.; BASSANI, I. D. S.; MINUSSI, R. D. **Morfologia em Morfologia distribuída**. Estudos Linguísticos e Literários, v. 1, n. 47, 6 out. 2013.

SIDDIQUI, Daniel. **Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.